



## ENCONTRANDO FORRESTER: COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO COMO ESTÍMULO À PRODUÇÃO TEXTUAL

**Maria das Graças Targino**

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília, Brasil.

Professora da Universidade Federal do Piauí, Brasil.

E-mail: [gracatargino@hotmail.com](mailto:gracatargino@hotmail.com)

**Adriana Maria Magalhães**

Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí, Brasil.

E-mail: [drikammagalhaes@hotmail.com](mailto:drikammagalhaes@hotmail.com)

Vivemos um momento histórico em que o fluxo informacional de tão galopante chega a assustar porque, ao contrário do que se imagina à primeira vista, ao tempo em que as redes eletrônicas de informação e de comunicação se impõem como ferramenta poderosa de busca, exigem estratégias mais complexas de uso e manuseio adequado das informações disponíveis. A *Internet* pode, sim, prestar grandes serviços e trazer inúmeros benefícios, mas é preciso lembrar que seu poder maléfico é proporcional ao seu poder benéfico. Isto porque, tende a reduzir criatividade e criticidade, sobretudo dos mais jovens, que encontram no espaço virtual armadilhas que facilitam o desejo de caminhar por trilhas mais fáceis de embuste e plágio facilitados pela TIC, sobretudo, no momento de vida em que são estimulados ou coagidos a produzir seus próprios textos.

A este respeito, o norte-americano “Encontrando Forrester” (*Finding Forrester*), filme da *Columbia Picture*, estrelado pelo lendário Sean Connery e estreado em 2000, ainda que o enredo se desenvolva numa fase *pré-internet*, trata da pressão para que acadêmicos/literatos produzam mais e mais: é o controverso *publish or perish*. Numa prova inequívoca das potencialidades da educomunicação, que se refere à interação entre educação (a maior responsável pela formação integral dos cidadãos) e comunicação, que incorpora a produção de filmes, “Encontrando Forrester”, dirigido por Gus Van Sant, configura-se como aula magistral, digna de qualquer ambiente acadêmico. Decerto, a educomunicação privilegia e fomenta a descoberta a partir da experimentação e do emprego de novas ferramentas educacionais, tais como TV e computador, além de películas, que despertam a consciência do aluno no contato com realidades até então desconhecidas.

E, de fato, a visão do filme, produzido pelo próprio Sean Connery em parceria com Lawrence Mark e Rhonda Tollefson, é bastante singular. Privilegia a elaboração de textos em sua esfera complexa e de multiplicidade inimaginável, mas, antes de tudo, chama a atenção para a relevância do compartilhamento de informações e de conhecimentos como estímulo à produção textual. Jamal Wallace (protagonizado por Robert Brown), 16 anos, Nova York, chega a uma excelente escola norte-americana, em Manhattan, graças à sua excepcional habilidade no basquetebol e ao bom rendimento de seus testes no antigo colégio no bairro miserável de Bronx. No entanto, é tão somente graças ao encontro acidental com o escocês Forrester, vencedor do prêmio Pulitzer, autor de uma única obra e recluso por opção de uma vida marcada por tragédias pessoais, que o jovem encontra a chance de dar vazão à sua verdadeira paixão – escrever.

A Forrester, Jamal pergunta: “qual a sensação de escrever algo como você fez [referindo-se ao livro]?”. A esta pergunta, somam-se várias outras, que, inesperadamente fazem de Forrester o mentor intelectual do rapaz. Mentor na acepção de alguém que favorece ao outro a chance de descobrir seu próprio caminho rumo ao crescimento individual e profissional. O tempo todo, o escritor deixa claro, como fazem Takeuchi e Nonaka (2008), que o manancial inesgotável de informações a que temos acesso na contemporaneidade pode gerar conhecimentos ou não, da mesma forma que dados podem produzir informação ou não. Trata-se de decisão de cunho pessoal. Isto é, “a duras penas”, Jamal descobre a distinção entre informação e conhecimento. A informação pode atuar como formadora de estoque ou como agente modificador capaz de produzir conhecimento.

No primeiro caso, registra-se a função estática da informação. Estoques *per se* nem geram conhecimento nem transformam a realidade. Tão somente uma ação que se configure como agente modificador pode confirmar a produção de novo conhecimento. Este, por sua vez, ocupa dois planos básicos e não excludentes. Em outras palavras, produzimos e, ao mesmo tempo, convivemos rotineiramente com dois tipos de conhecimento: o tácito e o explícito. Segundo os autores supracitados, o repertório cognitivo de cada indivíduo é essencialmente tácito e pessoal. Portanto, é difícil de ser codificado ou expresso em palavras. Depende de elementos subjetivos e intransferíveis, como crenças, valores culturais e éticos, experiências vivenciadas e assim por diante.

O conhecimento explícito ou conhecimento objetivo, por sua vez, é simples de ser codificado e anunciado em palavras ou sob outros formatos. O clássico John Ziman, em harmonia com os estudiosos de gestão de informação e gestão de conhecimento de então, assegura, ainda nos anos 60, que o conhecimento social ou público, no qual se insere o saber científico, está disponível à coletividade, enquanto o conhecimento semissocial mantém alcance coletivo menos abrangente. No entanto, em que pesem as variações no enunciado desses conceitos, como Dixon (2000) exemplifica, o conhecimento significa o elo que as pessoas mantêm entre informação e sua aplicação em determinada conjuntura. O conhecimento é intangível, impalpável, intátil, intocável. A razão é única: está na mente das pessoas e, segundo diferentes teóricos, como Polanyi (2009), nem mesmo o detentor do repertório cognitivo X ou Y é capaz de transmitir a outrem tudo o que deseja, porque sempre detém mais conhecimentos do que é capaz de expressar. Isto é, em nenhuma circunstância, Forrester pode doar ou impor seu repertório de conhecimentos ao jovem Jamal. Pode, sim, fazer com que este encontre informações de seu interesse a ponto de favorecer sua apreensão.

O fato é que “Encontrando Forrester” extrapola a relevância do compartilhamento do conhecimento como incitação à produção textual. A partir da realidade dos Estados Unidos da América, o drama de 135 minutos contempla, também, aspectos educacionais. Expõe um sistema, em que o professor figura como ator central do ensino-aprendizagem. Na condição de único detentor de conhecimentos, mediante métodos opressivos e ortodoxos, transmite informações ao alunado, o qual, como decantado por Paulo Freire e seus adeptos, se porta como “vasilhame”. Exerce papel passivo e age como mero receptor estático do que vem “do lado de lá”. Se a realidade dos EUA e dos demais países ocidentais, incluindo o Brasil, não é mais a mesma, haja vista que a educação tende a uma relação dialógica, em que o mestre exerce papel distinto com vistas a desenvolver a curiosidade e o pensamento reflexivo do estudante (agora, figura central do processo), “Encontrando Forrester” vai bem além.

Sua abordagem acerca do sistema educacional e da relação professor-aluno mostra, com nitidez, formas distintas de atuação entre os próprios docentes. A “esta altura do campeonato”, quando se exaltam *e-mails*, jogos eletrônicos, salas de bate-papo, *blogs*, *orkut* e tantas outras redes sociais, além do *YouTube*, vemos que a relevância de bibliotecas e centros

de documentação na pesquisa persiste. O livro, como produto cultural, também sobrevive e reina indiferente à presença de *iphones / smartphones, ipads, ipods, etc.*

E é assim que Jamal Wallace, diante de uma precária e velha máquina de escrever e da ordem advinda do tutor, em tom rude e ríspido: “escreva!”, descobre, pouco a pouco, a importância da leitura para a produção textual. Desvenda o significado da expressão “[...] ideias presas” e, sobretudo, que “[...] o primeiro segredo para escrever é escrever”. São os desafios cotidianos como forma de educação continuada e o mais inimaginável para ambos – a descoberta de uma amizade pautada em sinceridade e respeito. Afinal, em meio a desencontros, discussões e confronto, devagarinho, o escritor recupera, se não a alegria de viver, no mínimo, uma razão de viver: ajudar ao jovem negro e pobre desenvolver seu dom excepcional como escritor.

Nada é fácil. Por exemplo, Jamal descobre com sofrimento o valor da fidedignidade às fontes e às citações na produção de textos. Evidencia como é importante dar crédito aos verdadeiros autores, até porque a preconizada morte do autor é tolice e utopia. A este respeito, sem negar as mutações contemporâneas que afetam a autoria, Ottobre (2005, p. 43, tradução nossa) é incisivo quando diz:

Não há obra sem autor.

O desconhecimento do autor não implica sua inexistência.

O maior ou menor grau de participação na criação de uma obra não invalida a sua intervenção.

Pretender assimilar a função de um autor à de um leitor-autor não invalida a existência de um autor [...]

Jamal, em seu caminho rumo à aprendizagem da leitura-escrita, entende, também, ser impossível “[...] pegar algo que era seu e torná-lo meu [...]” São lições duras, mas que asseguram ao adolescente o sucesso de quem consegue sabiamente estabelecer uma linha divisória entre profusão de dados, explosão de informações e apreensão de conhecimentos. Por tudo isso, reiteramos a ideia inicial de que “Encontrando Forrester”, roteiro de Mike Rich, é uma aula magna que serve a diferentes propósitos. Põe em foco uma série de itens: gestão do conhecimento na produção de textos; esta produção, como opção de crescimento intelectual e pessoal; autoria ou o respeito a ela como essencial em meio às artimanhas das TIC; educação formal, em suas nuances, tomando como referência as mutações contínuas.

Sobre este último item – processo lento e contínuo de mudanças educacionais – aproveitamos para refletir, em especial, sobre a educação brasileira. A mudança conjuntural do país, que, ao se libertar da posição opressora vigente quando da Ditadura Militar (1964-1985), caminha para uma posição libertária de regime democrático e transforma a inter-relação professores e alunos, aproximando-os e humanizando o contato entre eles. Se, por um lado, a educação, hoje, comemora resultados positivos, mensurados a partir de índices cunhados pelo Governo Federal para medir o desempenho de docentes e discentes, de outro lado, os números relacionados à evasão e à violência escolar são preocupantes. Ademais, a aura que cerca as TIC conduz a uma questão crucial que aflige educadores e gestores, sintetizada por Morin (2007, p. 55): “[...] domesticar a tecnologia ou ser domesticado por ela?”. Entre idas e vindas, erros e acertos, a educação brasileira ainda tenta suplantar a barreira inicial, que, ironicamente, encontrou força na descrença dos docentes em relação à capacidade das TIC em despertar o interesse dos alunos no âmbito da educação formal.

E mais, acrescentamos que o perfil dos docentes também passa por múltiplas alterações. Precariedade das condições de trabalho, baixa remuneração e estresse

característico da profissão são elementos que, somados à violência nas escolas de diferentes níveis, vêm levando os profissionais do setor a outros campos, afastando-os totalmente da docência ou a relegando a um plano secundário. Outro movimento também perceptível é a inserção de profissionais das mais diferentes áreas no magistério sem qualquer preparação didática. Médicos, odontólogos, farmacêuticos, estatísticos, engenheiros, arquitetos e outros se tornam repentinamente mestres e, quase sempre, fazem do magistério um “bico”. E há mais: o “charme” das aulas-auditórios que ocupam, hoje, lugar de destaque:

[...] Os homens mais experientes na educação, os que trazem ao cumprimento de suas difíceis funções não somente faculdades brilhantes, mas, também, um espírito sólido marcado por um pouco de lentidão e timidez, serão sempre colocados, durante as provas públicas, atrás dos jovens que sabem divertir seu auditório e seus juízes e que, dotados de uma palavra fácil para livrar-se das situações embaraçosas, não possuem nem paciência nem bastante firmeza para ensinar bem [...] (BOURDIEU, 2011, p. 225).

Abraçar a docência implica uma série de renúncias. Se, noutros períodos da história, o magistério comparava-se ao sacerdócio, a conotação romântica esvai-se gradativamente. Ser professor é visto quase como calvário, que nem todos conseguem percorrer incólumes. Além de pressões inerentes ao exercício da profissão em sala de aula, os mestres precisam dar conta de outras demandas, quase sempre, originadas na incapacidade da família (como instituição basilar) de participar do processo de formação efetiva dos cidadãos. A escola, antes voltada à formação intelectual, agora, salvo honrosas exceções, é responsável pela formação cidadã em sua totalidade.

Por tudo isso, escola e educação formal se fragilizam mais e mais. É preciso que “jamais da vida” se deparem com “forresters” apegados a sonhos recônditos e perdidos nos lugares mais imprevisíveis do dia a dia. De início, para que os jovens entendam que:

Administrar ou gerenciar o conhecimento não implica exercer controle direto sobre o conhecimento pessoal. Significa, sim, o planejamento e controle do contexto [...], enfim, das situações nas quais esse conhecimento possa ser produzido, registrado, organizado, compartilhado, disseminado e utilizado de forma a possibilitar melhores decisões, melhor acompanhamento de eventos e tendências externas e uma contínua adaptação da empresa a condições sempre mutáveis e desafiadoras do ambiente onde a organização atua (BARBOSA, 2008, p. 11).

Posteriormente, para que esses mesmos jovens valorizem a educação formal e informal como fonte perene de formação a fim de que as palavras duras (mas reais) gritadas aos quatro ventos por Bourdieu (2011, p. 207) se tornem passado:

O que os indivíduos devem à escola é, sobretudo, um repertório de lugares-comuns, não apenas um discurso e uma linguagem comuns, mas também terrenos de encontros e acordo, problemas comuns e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns.

Logo, é preciso que todos os envolvidos no processo educacional despertem de sua longa letargia. É urgente que nos rebelamos contra a tendência de tratar os discentes como figuras homogêneas. Num país de dimensões continentais, como o Brasil, além das discrepâncias advindas das particularidades culturais, sociais, políticas, econômicas e

demográficas das regiões e dos Estados, há, acima de tudo, a individualidade de cada ser humano. A lição que “Encontrando Forrester” nos deixa se assemelha ao profundo ensinamento de T. S. Eliot, cujo poema *The Rock*, de 1934, representa verdadeiro legado à sociedade contemporânea: “Onde está o conhecimento, que perdemos com a informação?”

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. Gestão da informação e do conhecimento: origens, polêmicas e perspectivas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 13, Número Especial, p. 1-25, 2008.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIXON, N. M. **Common knowledge**: how companies thrive by sharing what they know. Boston: Harvard Business School, 2000.

ELIOT, T. S. **Collected poems 1909-1962**. Faber and Faber. Disponível em: <http://www.faber.co.uk/work>. Acesso em: 21 jun. 2012.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MORIN, E. As duas globalizações: comunicação e complexidade. In: SILVA, J. M. da (Org.). **As duas globalizações**: complexidade e comunicação uma pedagogia do presente. 3. ed. Porto Alegre: Sulinas, EDIPUCRS, 2007. p. 39-60.

OTTOBRE, S. “Pocho”. **Elogio del autor**. Buenos Aires: La Crujía, 2005.

POLANYI, M. **The tacit dimension**. Chicago: The University of Chicago, 2009.

TAKEUCHI, H.; NONAKA, I. **Gestão do conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

ZIMAN, J. **Public knowledge**: the social dimension of science. Cambridge: Cambridge University, 1968.